

SOBRE A NÃO-RELAÇÃO SEXUAL: NA TEORIA LACANIANA E NA CONTEMPORANEIDADE

Michele Cukiert Csillag

Resumo: O artigo retoma a teoria freudiana, destacando a forma como Freud, a partir dos *Três ensaios*, amplia o entendimento que temos da sexualidade humana e afirma a não equivalência em Psicanálise entre sexualidade e genitalidade. Indica que Lacan avança sobre os enunciados de Freud e desenvolve sua tese sobre o sexual a partir da linguagem. Com base nos textos de Lacan e de comentadores, discute o controverso aforismo lacaniano *não há relação sexual*, por meio do qual esse autor estabelece a dissimetria entre os sexos e a inexistência de uma relação total. Finalmente, levanta questões do sujeito contemporâneo em face ao sexual e comenta o papel da Psicanálise nesse novo cenário.

Palavras-chave: Sexualidade, Lacan, contemporaneidade.

Freud funda a Psicanálise afastando-se gradativamente da Medicina e formulando uma abordagem teórico-clínica original, capaz de oferecer uma resposta para o problema da histeria e contribuir para uma melhor compreensão das complexas relações possíveis entre corpo e psiquismo.

Considerando a formação positivista de Freud, nota-se no movimento de construção de sua teoria o esforço teórico que ele realiza no sentido de romper gradativamente com o raciocínio da Neurologia e “exorcizar o demônio fisicalista” (Monzani, 1989, p.60) ainda presente em textos iniciais como o *Projeto* de 1895, articulando uma teoria do inconsciente e afastando-se finalmente da lógica médica.

Nesse percurso, Freud define uma noção específica de *corpo* (Cukiert, 2000). Não se identificando com o corpo da Biologia, o corpo de que se trata em Psicanálise é o corpo erógeno, pulsional, marcado pelas vicissitudes do desejo.

Ao mesmo tempo, introduzindo a idéia de libido, que caminha do auto-erotismo para objetos variáveis ao longo da história do sujeito e das identificações, Freud ampliou o entendimento que temos hoje da natureza da sexualidade humana. Definindo nos *Três ensaios* o funcionamento polimorfo perverso, a capacidade de deslocamento da libido, a diversidade de objetos de satisfação possíveis e, de forma mais geral, a não equivalência entre *sexualidade* e *genitalidade*, Freud indica que, em termos psicanalíticos, a ordem do sexual deve ser considerada para-além da Biologia.

A partir da invenção do inconsciente e da formulação de uma realidade psíquica, só se pode pensar o humano como “desnaturalizado”, marcado pela cultura. Leite,

(2005) refere-se a uma ruptura formulada por Freud, decorrente da passagem do humano “visto evolutivamente enquanto animal, para o humano enquanto regulado por uma ordem cultural”. Segundo ele,

Essa ruptura foi pensada por Freud a partir do fato do homem ser desnaturalizado, ou seja, pelo fato dele estar atravessado por uma ordem diferente da natural, como mostra a sexualidade humana, que em diferença com os animais não tem um objeto sexual predeterminado. Para Freud, o principal parâmetro que demonstraria a submissão do sujeito humano a uma organização diferente da natural, seria a existência das estruturas de parentesco.

Ainda nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud introduz a definição do estágio pré-genital (oral, anal) e genital, em função da evolução do sujeito e de sua relação com as zonas erógenas do corpo. Como assinalam Roudinesco&Plon (1998, p.193), “o estágio foi definido, nessa época, como uma modalidade de relação com o objeto” (p.191). Os autores lembram que a noção de estágio fálico, apesar de já estar presente em um adendo nos *Três ensaios*, surge mais claramente em 1923, com *A organização genital infantil*.

Em sua releitura de Freud, Lacan critica a *Psicologia do Ego* e outras abordagens que defendem perspectivas evolucionistas para a sexualidade. Ele utiliza a terminologia freudiana, quando conceitua, por exemplo, o *estádio do espelho*, atribuindo a ele, entretanto, um estatuto mais

fenomenológico e estrutural. Ao mesmo tempo, Lacan ironiza leituras parciais da obra de Freud que estabelecem uma evolução sexual por meio da qual o sujeito alcançaria a genitalidade. Lacan (1953) aponta como mitológica qualquer idéia de satisfação genital, afirmando:

Essa mitologia da maturação dos instintos, construída com trechos seletos da obra de Freud, efetivamente gera problemas espirituais cujo vapor, condensado em ideais de nuvens, por sua vez irriga com seus aguaceiros o mito original. As melhores penas destilam sua tinta formulando equações que satisfaçam às exigências do misterioso genital love (há noções cuja estranheza concilia-se melhor com o parêntese de um termo tomado de empréstimo, e que rubricam sua tentativa com uma confissão que não convence). Ninguém, entretanto, parece abalado pelo mal-estar daí resultante, e antes se vê nisso motivo para incentivar todos os Münchhausen da normalização psicanalítica a se puxarem pelos cabelos, na esperança de atingirem o céu da plena realização do objeto genital, ou do objeto puro e simples (1998, p.264).

Se o *genital love* não é mais que um mito, o amor pleno também é uma produção imaginária, pois segundo ele, “vemos com clareza que a realização do amor perfeito não é um fruto da natureza, mas da graça, isto é, de um acordo intersubjetivo que impõe sua harmonia à natureza dilacerada que o sustenta”(1998, p.266).

Freud atribui ao *falo* um papel central na organização psíquica dos dois sexos. Para ele, segundo Chemama (1995, p.69), o adjetivo fálico corresponde a uma posição teórica fundamental: “a libido é essencialmente masculina, mesmo

na menina pequena (...); o falo é uma espécie de operador da dissimetria necessária ao desejo e ao gozo sexuais”. Portanto, em Psicanálise, o *falo* não deve ser pensado em termos anatômicos.

Com base no fato de que o *falo* ocupa um lugar de objeto central na economia freudiana, Lacan (1957-1958) retoma essa noção, situando-a no campo da linguagem e indicando sua importância como função e como signo. Ele afirma:

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau, etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos.

Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. (1998, p.696-697).

A experiência psicanalítica, portanto, evidencia uma relação do sujeito com o *falo*, na qual ele é o significante privilegiado do desejo. Lacan (1957-1958) esclarece:

o falo é significante (...), na medida em que, quem não o tem? Em que o Outro não o tem. Com o falo, trata-se realmente de uma coisa que se articula no plano da linguagem e que, portanto, situa-se como tal no plano do Outro. Ele é o significante do desejo na medida em que o desejo se articula como desejo do Outro. (1999, p.139).

Lembremos que na teoria lacaniana, o desejo é irreduzível à necessidade. O psicanalista argentino Mario Pujó, em artigo que discute o aforisma lacaniano de que o *desejo é o desejo do Outro*, aponta a singularidade dessa noção na teoria lacaniana, destacando que ela tem um lugar central na prática clínica, “como causa, objetivo e motor da sua ação”, sendo atingível só pelo caminho direto da interpretação” (Pujó, 1995, p.23). Articulado nas formações do inconsciente (sonhos, lapsos, sintomas), “o desejo se fixa no fantasma e dá conta, tanto da angústia e da inibição, quanto do conceito de ato em Psicanálise, constituindo a referência essencial da sua ética”. Nesse sentido, é ele quem organiza também o estabelecimento da transferência e o modo especificamente analítico de abordá-la.

Pujó (1995) esclarece:

Lacan acentua desde o início a dimensão de extravio que o desejo humano manifesta perante qualquer tendência natural, na relação que o homem estabelece e mantém com os objetos de seu mundo. A fenomenologia da experiência analítica lhe permite isolar o seu *caráter paradoxal, desviante, errático, excêntrico, inclusive escandaloso, pelo qual se diferencia da necessidade*. (Pujó, 1995, p.23).

No *Seminário Cinco*, Lacan (1957-1958) discute o aspecto paradoxal do desejo, afirmando que ele não é situável no campo da necessidade. Refere-se ainda ao desejo e à demanda na experiência clínica, afirmando que

O desejo articula-se necessariamente na demanda, porque só podemos aproximar-nos dele por intermédio de alguma demanda. A partir do momento em que o paciente nos aborda e vem a nosso consultório, é para nos pedir alguma coisa, e já vamos muito longe no compromisso e no rigor da situação quando lhe dizemos, simplesmente: _ Estou à sua escuta (1999, p.341).

Mais exatamente, Lacan (1957-1958) situa o desejo em uma zona intermediária, ou seja, em um jogo de oscilação entre os “significantes da necessidade” e o que resulta “da presença constante do significante no inconsciente”. Segundo ele,

é nessa zona intermediária que se situa o desejo, o desejo do homem como aquele que é o desejo do Outro. Ele está para além da necessidade, para além da articulação da necessidade à qual o sujeito é levado pela exigência de valorizá-la para o Outro, para além de qualquer satisfação da necessidade. Ele se apresenta em sua forma de condição absoluta e se produz na margem entre a demanda de satisfação da necessidade e a demanda de amor. (1999, p.454)

Para Lacan (1957-1958), a demanda é a expressão de um desejo, quando se quer obter alguma coisa de alguém e está, portanto, endereçada ao Outro:

A maneira como tem de se apresentar o desejo no sujeito humano depende do que é determinado pela dialética da demanda. A demanda tem certo efeito nas necessidades, mas ela tem, por outro lado, suas características próprias. (...) A demanda, pelo simples fato de se articular como demanda, coloca expressamente o Outro, mesmo que não demande isso, como ausente ou presente, e como dando ou não essa presença. Ou seja, a demanda, no fundo, é uma demanda de amor. (1999, p.394).

Ao mesmo tempo, “na consumação do sujeito no caminho do desejo do Outro” (p.363), para Lacan (1957-1958), a situação é complexa, tanto no homem quanto na mulher, já que ambos terão de se confrontar, ainda que à sua maneira, com a castração. Nessa medida, “O problema do amor é o da profunda divisão que se introduz no interior das atividades do sujeito. A questão de que se trata, para o homem, segundo a própria definição do amor - dar o que não se tem, o falo, a um ser que não o é” (p.364). Ou seja:

O sujeito tem de encontrar seu lugar de objeto desejado em relação ao desejo do Outro. Por conseguinte, e como nos indica Freud em seu vislumbre notável em *Bate-se em uma criança*, é sempre como aquele que é e que não é o *falo* que o sujeito terá de se situar, no final das contas, e encontrará sua identificação de sujeito (1999, p.362).

Discutindo as proposições de Lacan, Alemán (1995, p.142) lembra que se o desejo da mãe é o *falo*, “a criança quer ser o *falo*, constituindo assim a sua falta-a-ser”. A criança ocupa então o lugar do que falta à mãe, como significante do desejo. Ao mesmo tempo, a problemática da castração condena o sujeito, em termos psíquicos, a lidar com a falta, “protegendo o órgão da ameaça ou mascarando a privação do dito cujo”.

Nesse sentido, quando da incidência da castração no desenvolvimento psíquico da posição feminina, a maternidade, ou o filho, podem ser pensados como um substituto do

falo. Segundo Lacan (1957/1958), “no que concerne a encontrar sua satisfação [da mulher], existe, para começar, o pênis do homem, e depois, por substituição, o desejo do filho” (1999, p.362). Dessa forma, a mulher, tem o *falo*, ainda que como substituto. Inversamente, o fato da mulher “se exibir e se propor como objeto do desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o *falo*, e situa seu ser de sujeito como *falo* desejado, significante do desejo do Outro” (p.363).

Nicéas (1988) lembra que no artigo *Organização genital infantil*, de 1923, Freud já afirmava que cada um dos sexos só sabe do *falo* e vislumbra a dissimetria entre os sexos. Lacan, por sua vez, enuncia que, para além de um possível encontro entre os corpos sexuados, há uma complementaridade impossível no campo do sexo.

No relatório do Seminário de 1971-72, ...*Ou pior*, Lacan propõe de forma radical o aforismo *não há relação sexual*, afirmando: “Para dizer cruamente a verdade que se inscreve a partir dos enunciados de Freud sobre a sexualidade, *não há relação sexual*” (p.546). Nesse Seminário e em trabalhos posteriores - *Mais ainda* (1972-1973) e *L'Étourdit* (1972) - Lacan avança e constrói fórmulas que consistem em desenvolver sua tese sobre o sujeito em face ao sexual.

A fórmula *não existe relação sexual* causa ainda hoje surpresa no meio psicanalítico e fora dele. Buscando melhor

defini-la, Lacan (1972) afirmava que o “*não há relação sexual* não implica que não haja relação com o sexo. É justamente isso que a castração demonstra, porém não mais: ou seja, que essa relação com o sexo não seja distinta em cada metade, pelo fato mesmo de separá-las” (p.464).

André (1987) esclarece o teor do aforismo lacaniano:

A fórmula (...) segundo a qual *não há relação sexual*, sabe-se que Lacan acrescentava, ao contrário, relações sexuais, só existe isso. Não é, pois, nem a materialidade da conjunção sexual, nem a conotação sexual de toda relação, que são postas em causa por essa fórmula, mas o fato de que haveria uma relação de complementaridade ligando necessariamente homens e mulheres. A sexualidade no ser humano não é a realização de uma relação - no sentido matemático do termo. É, ao contrário, a impossibilidade de escrever tal relação que caracteriza a sexualidade do ser falante. (p.25).

Julien (1997) considera que a teoria lacaniana revela a impossibilidade de se encontrar a unidade perdida e a completude na relação amorosa e na relação genital entre os sexos, salientando que “a complementaridade é de ordem cultural e não natural” (p.93). Acrescenta que em termos lacanianos, “o ato de declaração de sexo é tipicamente um ato faltoso”, ou seja, a conjunção genital é faltosa, pois sempre coloca em jogo um “não-saber acerca do gozo do outro”. Segundo o autor:

Na realidade (...) : o gozo que um tem do corpo do outro não é aquele que o outro tem do corpo do um. (...) Certamente, a conjunção genital o faz crer ao menos, pontualmente. Mas é só

crença. Não há ato sexual unindo dois gozos em um. Uma separação permanece entre o corpo do outro cujo eu gozo e o gozo que o outro obtém do meu corpo. Esta separação abre a rara possibilidade de se colocar a questão: *goza-se de quem, gozando?* (p.96).

Avançando sobre o entendimento psicanalítico da sexualidade, conceito já ampliado pelo próprio Freud, Lacan emprega o termo *sexuação*. Mais exatamente, para reunir suas elaborações acerca da diferença entre a posição masculina e a posição feminina frente ao sexo, Lacan ordena o assunto em fórmulas matematizadas, conhecidas como as fórmulas quânticas da *sexuação*.

Chemama (1995, p.195) elucida que a sexuação é a “forma pela qual homens e mulheres, (...) relacionam-se com seu próprio sexo, bem como com as questões da castração e da diferença de sexos”. Para além da sexualidade biológica, ela “designa a forma como são reconhecidos e diferenciados os dois sexos pelo inconsciente”. As formulações lacanianas sobre o tema são complexas e enigmáticas, abrindo grande campo de indagação sobre a diferença dos sexos, os vários tipos de gozo e a feminilidade.

Retomando o percurso freudiano, lembremos que em certo momento de sua obra, Freud atribuiu o mal-estar na cultura ao excesso de recalçamento sexual. De fato, por exemplo, no artigo *A Moral sexual civilizada e doença nervosa* (1908), ele considerou, em artigo datado e de acordo

com a problemática dos tempos vitorianos, que a cura para a neurose implicava na liberação da sexualidade. De fato, deve-se ao legado freudiano muito do que se conquistou no século seguinte em termos de liberdade sexual, mudanças educacionais, desenvolvimento da Sexologia, etc.

Freud denunciou o sofrimento do sujeito em face ao sexual, mas podemos dizer que parte da questão permanece apenas indicada, pois a rigor, não está explicitado em seu texto a inexistência de uma relação total.

Em *Análise Terminável e Interminável*, um de seus últimos textos clínicos, Freud (1937) faz um balanço do trabalho psicanalítico desenvolvido até ali e discorre sobre os obstáculos que dificultavam os tratamentos. Nesse contexto, ele cita a pulsão de morte e os impulsos destrutivos que acentuam as resistências e impedem a cura. Mais ao final, Freud destaca as dificuldades com a “distinção existente entre os sexos” (p.284): na mulher a “inveja do pênis” e no homem, “a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem” (p.285). Freud avista a impossibilidade de solucionar o complexo de castração na mulher e o protesto pelo falo no homem, entretanto, não encerra a questão.

Lacan, por sua vez, afirma a ausência da relação sexual e a complementaridade impossível no campo do sexo. No humano, em termos lacanianos, a castração é o destino e o desejo

de fazer *Um* seria de ordem imaginária. A *não relação sexual* de Lacan conceitua o drama humano em face ao sexual, a impossibilidade do encontro pleno com seus objetos de desejo.

Mesmo apontando com a *não-relação sexual* o caráter insatisfatório da sexualidade e a natureza conflituosa da diferença sexual, Lacan não exclui a possibilidade amorosa da vida psíquica e de sua teoria.

No Seminário *Mais Ainda* (1972-1973), no qual constam diversas frases famosas, Lacan pergunta “do que se trata então no amor? O amor, será que - como promove a psicanálise com uma audácia tanto mais incrível quanto isto mais vai contra toda sua experiência (...) - o amor, será que é fazer um só? Eros, será ele tensão para o Um?” (Lacan, 1972-1973, p.13); acrescentando adiante: “o que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor” (p.51).

Segundo Lacan (1971-1972), o discurso analítico tem por função questionar as metáforas das “relações do homem com a mulher imaginada” (p.546). Além disso, “dos ditos amorosos antigos, a análise tem a tarefa de fazer a crítica, eis o que resulta da própria idéia do inconsciente como algo que se revela como saber” (p.546). Lacan sugere que os encontros possíveis sempre colocam em jogo certo desconcerto. Mas, a análise desse desapontamento, não constitui algo do saber que se espera construir em uma análise?

Por último, algumas palavras sobre as questões do sujeito em face ao sexual na contemporaneidade.

O psicanalista Melman (2003, p.16) lembra que Freud viu na autorização do desejo sexual reprimido “uma felicidade possível entre um homem e uma mulher” e que avançando, Lacan identifica que as vidas sexuais [de homens e mulheres] são dominadas pelo sintoma, pelo fato de que nunca é como deveria ser”. Daí sua “expressão decisiva”, de que *não há relação sexual*. Para Melman, estaríamos hoje nesse ponto, pois podemos pensar que “a mutação cultural que está ocorrendo tenta responder à *falta de relação sexual*, tenta curar esse sintoma”. Afinal, hoje, de homens e mulheres na clínica o que se escuta é “que suas vidas são dominadas pelo sintoma, pelo fato de que nunca é como deveria ser”.

Seguindo a proposição de Melman (2003), podemos sim pensar a *não relação sexual* como mais um sintoma de nossa cultura, emblemático da psicopatologia dos laços em uma sociedade de consumo na qual os indivíduos se relacionam de forma cada vez mais narcísica e individualista.

Nos tempos que correm, com o declínio da autoridade e a crise das referências tradicionais, o “homem sem gravidade” (Melman, 2008) se personifica em sujeitos demasiado flexíveis, “capazes de se prestar a toda uma série de moradas (...) estranhos locatários capazes de habitar posições

a priori perfeitamente contraditórias e heterogêneas entre si, tanto nos modos de pensamento quanto nas escolhas de parceiros - inclusive tratando-se de sexo do parceiro ou de sua própria identidade” (p.39).

Melman (2008) diagnostica que hoje “a perversão se torna uma norma social” (p.54), não em um sentido moral, mas “fundada na economia libidinal (...) que está hoje no princípio das relações sociais, através da forma de se servir do parceiro como um objeto que se descarta quando se avalia que é insuficiente” (p.54).

O psicanalista francês Michel Tort (2001) destaca significativas transformações nas identidades e nas relações entre os sexos no Ocidente, a partir das mudanças nas formas de procriação (com o uso generalizado da contracepção e mais recentemente da procriação artificial), nas formas de filiação (parentescos adotivos, artificiais, situações monoparentais), tanto quanto mudanças significativas na própria forma como se definem as identidades.

Para Tort, M. (2001) tais transformações não são sem importância, pois “atingem as estruturas dos sistemas simbólicos que regem as identificações dos sujeitos em todas as sociedades conhecidas” (p.9). De fato, a partir dos anos 60, com a conquista de maior liberdade para se expressar e viver a diferença sexual, com a evolução nos costumes, o declínio

dos modelos e um “agenciamento inédito das funções maternas e paternas” (p.12), notam-se, além de mudanças nas relações entre os sexos, transformações consideráveis nas estruturas familiares e na maneira de viver a sexualidade.

Nesse cenário, os psicanalistas são convocados a se pronunciar sobre os “novos dispositivos das relações de sexo” (Tort, M., 2001), no que diz respeito à procriação, filiação, identidade sexual, assim como nas “perturbações das funções de identificação”. Resta estabelecer qual contribuição a Psicanálise pode dar na compreensão dessas mudanças, sem cair em normatizações e sem que sejamos convocados a funcionar apenas como “garantidores do simbólico”.

Na contemporaneidade, com o papel crescente do discurso da ciência e da tecnologia nos processos de nascimento, desenha-se uma situação na qual, não apenas a sexualidade de forma mais ampla, mas a própria reprodução da espécie tende a se separar da genitalidade. Tudo se passa como se a *não-relação sexual* lacaniana se tornasse literal.

Mas se pensarmos com Lacan, não se trata disso. Vale lembrar que o desejo não é situável no campo da necessidade, não sendo relação com um objeto real mas com a fantasia. Portanto, mesmo com tantas mudanças sociais e com o papel cada vez mais expressivo da tecnologia nas relações e na vida cotidiana, os laços do sujeito com suas origens e

sua fantasmática permanecem estruturais. Nesse sentido, a análise dessas configurações inconscientes se afirma como perspectiva insubstituível para o entendimento do sujeito contemporâneo e dos acidentes de sua constituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEMÁN, Jorge. Não há relação sexual. In: Cesarotto, O. (org). *Idéias de Lacan*. SP, Iluminuras, 1995.

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* RJ, Zahar, 1987.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

CUKIERT, Michele. *Uma contribuição à questão do corpo em Psicanálise*. Dissertação (mestrado) / IP-USP, SP, 2000. (inédito)

FREUD, Sigmund. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. RJ, Imago, v.XXIII, 1976.

JULIEN, Phillipe. *O Manto de Noé*, RJ, Revinter, 1997.

LACAN, Jacques. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*, RJ, Zahar, 1998, cap.IV.

LACAN, Jacques. (1957-1958). *Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1971-1972). ...ou pior. In: *Outros escritos*. RJ, Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. (1972). O aturdito. In: *Outros escritos*. RJ, Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. (1972-1973). *Mais Ainda*. RJ, Zahar, 2008.

LEITE, Márcio Peter de Souza. Clínica da cultura: Manifesto de uma psicanálise para o século XXI. In: *Hystória* (www.marciopeter.com.br, 2005).

MELMAN, Charles. *Novas formas clínicas no início do terceiro milênio*. Porto Alegre, CMC Editora, 2003.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. RJ, Cia de Freud, 2008.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas, Unicamp, 1989.

NICÉAS, Carlos Augusto. Além da castração, a-sexualidade: indicações Freudianas. In: Birman, J. & Nicéas, C.A. (org). *A ordem do sexual*. RJ, Campus, 1988.

PUJÓ, Mario. O desejo é o desejo do outro. In: Cesarotto, O. (org.). *Idéias de Lacan*, SP, Iluminuras, 1995.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*, RJ, Zahar, 1998.

TORT, Michel. *O desejo frio*. RJ, Civilização Brasileira, 2001.